

Mantas colaborativas: silêncios ruidosos

Mantas colaborativas: silencios ruidosos

Collaborative Blankets: noisy silences

Angela Saldanha
Teresa Torres de Eça
NEA- i2ADS, Faculdade de Belas Artes, Porto,
Portugal
correio@angelasaldanha.com
teresatorreseca@gmail.com

Recibido 21/03/2014
Aceptado 09/05/2014

Revisado 05/05/2014

RESUMO

Como a/r/tógrafas interessa-nos suscitar um questionamento contínuo, tanto a partir da fruição e contemplação da obra, como durante o processo de criação/produção e o processo de publicação, a partir do diálogo com os seus autores como pensadores críticos do seu tempo. Interessam-nos as narrativas anónimas, silenciosas. As narrativas de pessoas comuns e invisíveis, “do que está à margem”, do quotidiano e dos “murmúrios das vizinhas”, constituem-se aqui neste silêncio que se ouve. Interessou-nos entranhar no quotidiano, “na humilde razão do quotidiano” (Lefebvre), na “escuta do sentimento do mundo” (Drummond de Andrade, 2012, p.9), onde o silêncio vai transformando lenta mas profundamente cada um de nós. Trabalhamos no desconforto da procura artística e no aconchego do outro. Construimos mantas como suportes comunitários. Falaremos aqui de dois processos de construção dessas mantas que, apesar de diferentes no tempo, se constituem como projetos de educação artística ativista em contextos transversais.

RESUMEN

Como a/r/tógrafas nos interesa suscitar contínuo cuestionamiento, tanto a partir del disfrute y la contemplación de la obra, como durante el proceso de creación/producción y el proceso de publicación, a partir del diálogo con los autores como pensadores críticos de su tiempo. Nos interesan las narrativas anónimas, silenciosas. Los relatos de personas comunes e invisibles, “de los que están al margen”, de lo cotidiano y del “murmullo de las vecinas”, se constituyen aquí en este silencio que se oye. Nos interesa atrincherarnos en lo cotidiano, “en la humilde razón de lo cotidiano” (Lefebvre), en la “escucha del sentimiento del mundo” (Drummond de Andrade, 2012, p.9), donde el silencio va transformando lenta pero profundamente a cada uno de nosotros. Trabajamos en el disconfort de la búsqueda artística y no en la comodidad del otro. Construimos mantas como soportes comunitarios. Hablaremos aquí de dos procesos de construcción de esas mantas, que a pesar de diferentes en el tiempo, se constituyen como proyectos de educación artística activista en contextos transversales.

ABSTRACT

As a/r/graphers we are interested in raising continuous challenge, both from the enjoyment and contemplation of the final work, as during the process of creation / production and publishing process, as well as through the dialogue with the authors. In this process we address critical thinking issues. We are interested in anonymous, silent narratives. The narratives of common and invisible people, are “what is the margins”, in everyday life and in the “whispers of the neighbors”, they are formed in the silence that you hear. We are interested in this aspect of everyday life: “the humble everyday reason” (Lefebvre), “In listening to the feelings” (Drummond de Andrade 2012, p.9), where the silence will slowly but profoundly transform each one of us. We work in the artistic discomfort of demand and in the cosiness of the other. We build artist relational webs in the community. We will speak here of two processes of constructing these webs that, although different in time, are built as arts education activist projects.

PALAVRAS CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEYWORDS

Arte comunitária; educação artística ativista, a/r/tografia / Arte comunitaria, educación artística activista, a/r/tografía/ community arts; activist art education, a/r/tography

Para citar este artículo:

Saldanha, A. y Torres de Eça, T. (2014). Mantas colaborativas: silêncios ruidosos. Tercio Creciente nº5, págs. 37 - 50, <http://www.terciocreciente.com>



Começando

“it is not (only) what you see that is important, but what takes place between people.” (Baurriaud, 2002, p.34)

Baseamos as nossas práticas em investigação participativa e na a/r/tography (Dias e Irwin, 2014), nada melhor do que o conceito de manta para ilustrar esta abordagem. As mantas que aqui apresentamos vão muito além do seu sentido prático ou estético, são espaços vivos, partilhados, dinâmicos e reflexivos. São lugares pensados para pensar e fazer pensar. Segundo Irwin (2014) a/r/tography é uma metodologia de investigação baseada no conceito de rizoma de Giles Deleuze e Felix Guattari (1987), um conceito fluido de processo e de tempo em que o espaço se revela intersticial, aberto e vulnerável onde os significados e interpretações são continuamente interrogados e rompidos. Desde este ponto de vista teoria e prática estão interligadas, a teoria aparecendo como um entre-lugares de partilha crítica reflexiva e relacional, em estado de transformação permanente. Alinhámos a nossa atuação em práticas artísticas das décadas de setenta e oitenta do século XX levadas a cabo por artistas como Joseph Beuys. Acreditamos que o fazer artístico pode gerar espaços conviviais, de expressão e reflexão identitária e social. Espaços educativos na medida em que o conhecimento se gera e transmite no grupo - entre pares. Mais do que artistas ou educadoras artísticas somos facilitadoras de diálogos e de construção de aprendizagens, não no sentido da mediação mas sim no sentido da produção cultural.

Fazendo

Fazemos eventos, provocamos situações, como diz Maria Jesus Agra- Pardiñas (Agra- Pardiñas, 2014) lançamos vírus artísticos no quotidiano. Temos em comum uma vontade imensa de fazer educação artística em outros contextos, que não os da educação formal e não formal. Temos vontade de quebrar as fronteiras entre campos educacionais formais, não formais e informais. Gostaríamos que a educação artística estivesse mais ativa na comunidade.

Nas ações com mantas trabalhamos um fazer artístico antigo comunitário e participativo. As mantas podem ser feitas de retalhos, podem ser toalhas de piquenique, tapetes ou abrigos. São produzidas por vários indivíduos para criar um espaço público de memória coletiva que apele à coesão social, à conversa, ao reconhecimento dos indivíduos e das suas histórias de vida. Um espaço que crie elos para o futuro, um espaço inacabado de relações afetivas, onde o sagrado acontece pela partilha, pela

comunhão. Aqui o conceito do fazer artístico é mais do que o processo do “fazer” ou do “conceber” é um processo relacional.

Construir uma manta é um processo moroso e introspetivo – ao mesmo tempo que é criado um artefacto recheado de simbolismos, muitas são as escolhas e o tempo despendido. Coser retalhos pode ser um processo de colagem e pensamento-ação onde espaços de memórias e de reflexões se entrelaçam através de uma técnica ancestral. Pode ser também um processo colaborativo e um processo de educação artística ativista. Por educação artística ativista entendemos processos artísticos colaborativos e comunitários através do fazer artístico enquadrados numa visão da prática artística como meio para promover a educação para a sustentabilidade .

Gulpilhares

No ano de 2013, na comunidade de Gulpilhares, uma aldeia que tem o mar como vizinho, no norte de Portugal, percebe-se um interesse em retornar às origens, às coisas simples e que nos constituem como pessoas. Refletindo sobre os discursos das pessoas e sobre a sua necessidade de “lugares de partilha”, retomamos a história, as estórias e as tradições.

A Romaria ao Senhor da Pedra é uma festa secular, celebra todos os anos (na freguesia de Gulpilhares), muito próxima das memórias quotidianas do norte de Portugal. São muitas as pessoas, em grupo, que saem a caminhar das suas terras com a “marmita” rumo ao afamado “Senhor da Pedra”. Deste modo, esta festividade representa, não só a preparação do “farnel” que é de todos, mas também a partilha do caminho.

Por diversas razões, os residentes de Gulpilhares deixaram lentamente de realizar o piquenique anual de partilha durante a romaria ao Senhor da Pedra, apesar de o invocarem constantemente nas suas conversas (Saldanha, 2013). O desejo de retomar e criar novas memórias trouxe a vontade de convidar aqueles que facilmente se recordavam das partilhas no “Senhor da Pedra” e os “novos”, aqueles que queriam conhecer mais.

Surgiu então a necessidade de um lugar que fosse comum, de todos e de cada um em particular, e isso levou-nos à ideia de “manta de retalhos” – aquilo que é feito por muitos, onde todos dão um pouco do seu tempo - esse valor tão precioso na atualidade. A manta vai-se transformando de um lugar para o outro, o “outro” que não conheço, o “outro” familiar, o “outro” que convidado. A Manta revela-se assim como um espaço possível de partilha e de ação.



Cartaz-convite para tricotar, coser, fazer um lugar para o "picnic"

Exemplo da construção de lugar na manta





A união dos lugares da Manta

No coser, no bordar, tricotar, na ‘assemblage’ coletiva do tecido procuramos o aparentemente invisível, longe do espetáculo, dos megafones das palavras vazias e da saturação das imagens. Rompemos os limites da cultura hegemónica do pronto a usar. Ultrapassamos o vazio dos significantes em cada fio que entrelaçamos e evocamos memórias, nos interstícios das horas passadas a pensar o “lugar para o outro” e, depois à sua feitura, aos “sujeitos que praticam a realidade” (Certeau, 1994). Neste tempo e no silêncio da intimidade, não só refletimos no que fazemos, porque o fazemos, como se enraíza em nós um sentimento de pertença, de ação e de propagação àqueles que nos rodeiam. Mesmo de forma inconsciente, estas sensações são difundidas e vão penetrando lentamente no dia a dia das comunidades, tornando-se em ações políticas que “alteram e movem”. Lançamos o vírus que pouco a pouco vai modificar maneiras de ser e de estar.





Em Gulpilhares, durante cerca de 4 meses, várias gerações se uniram para fazer a manta em encontros informais.

Cartaz – convite para participar no “piquenique comunitário” 2013

exemplo de encontros de partilha – 2013





exemplo de encontros de partilha – 2014

Nas mantas usamos metáforas de uma arte que dialoga com o mundo e com a vida. Do fio que é tecido, das escolhas que são tomadas ao tamanho do lugar que queremos oferecer, nada é forjado ao acaso. O questionamento acompanha-nos e institui em cada um de nós uma rotina de reflexão. A manta provoca a comunhão dos membros da comunidade - durante a sua produção- e, pelo menos uma vez por ano a partilha da comunidade acontece à volta de uma manta que nunca estará completa.

Artistas contemporâneos têm desenvolvido projetos com comunidades trabalhando também nos interstícios do espaço público e privado como espaço de convivialidade. Por exemplo, os membros do Oda Projesi, Özge Açikkol, Günes Savas e Seçil Yersel na Turquia. O principal objectivo do Oda Projesi é recuperar a vida quotidiana como um modo de fazer arte, entendida como

uma escultura social formada pelas relações entre pessoas e espaços (Traquino, 2009). Mas, como educadoras, artistas e investigadoras não procuramos o reconhecimento das nossas ações na esfera da arte. Também não nos situamos completamente na esfera da educação informal. Estamos no espaço 'entre'. A manta é um artefacto coletivo, fruto das relações entre as pessoas, das interações despoletadas por educadoras artísticas ativistas. Para nós o quotidiano revela-se um ritual estético, ético e político. Erik Gongrich, no projecto "Picnic" (Istambul, 10 de Junho de 2001) constatou que bastava estender uma tapete no chão da rua para que o espaço público se tornasse privado (Traquino, 2009). Com a manta do piquenique confirmamos o valor sagrado dos alimentos e da partilha de experiências de vida num espaço relacional gerado através da arte, que pode reconstruir relações comunitárias e coesão social.



Figura 6. Fotoensayo. Autora (2014). Recuerdo invisible III



Piquenique 2013

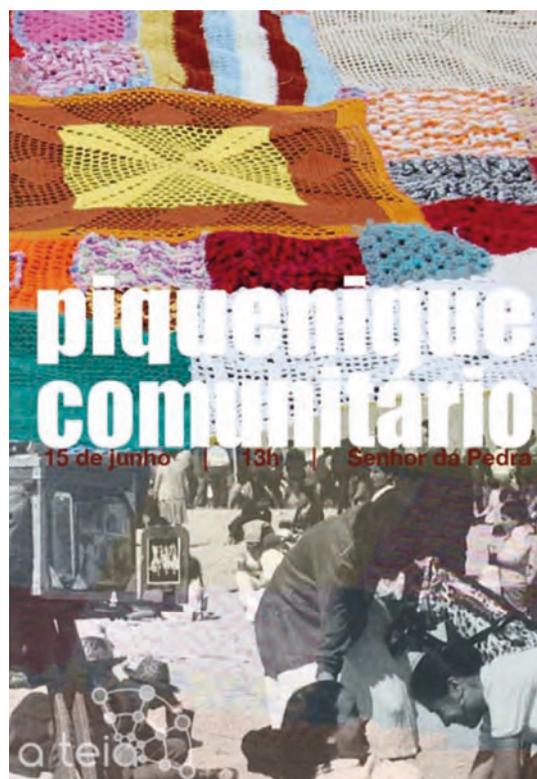


“Numa comunidade onde se estabelecem relações sociais, fiéis e informais, a esfera do privado e do público têm fronteiras muito ténues. A comunidade é a vida em comum verdadeira e duradoura; a sociedade é somente passageira e aparente. E podemos, em certa medida, compreender a comunidade como um organismo vivo, a sociedade como um agregado mecânico e artificial.” (Tonnie, 1977: 48) . Neste projeto, as pessoas da

comunidade de Gulpilhares, trabalham e entregam estórias e lugares para alargar a manta, novos conhecimentos são traçados e o mapa da manta é ampliado, gradualmente chega cada vez a mais pessoas. Esta ação humilde e sem grandes aspirações foi-se dando a conhecer e a manta iniciou um caminho próprio sendo exposta em várias exposições fora da comunidade e chegando a representar o concelho no Posto de Turismo.



Cartaz – convite para participar no “piquenique comunitário” 2014





MALTRATADAS¹

Maltratadas é a estória de uma outra manta. Começou numa cidade no centro de Portugal, mas não foi uma ação construída para uma comunidade geográfica ou cultural, foi antes uma resposta local para uma chamada de atenção global, o alerta para a violência sobre as mulheres. Era um problema que nos tocava profundamente. Tínhamos que fazer algo! Envolvemos pessoas de várias idades, contextos sociais e geográficos.

Desde 2011 que, como professoras e artistas, colaboramos com a campanha lançada pela Associação Cultural de Viseu 'Adamastor', no âmbito do Dia Internacional para a Erradicação da Violência sobre as Mulheres. Esta iniciativa, em cada dia 25 de Novembro, exorta à consciencialização dos cidadãos para o fim da violência sobre as mulheres nas diferentes formas em que esta se manifesta nas nossas sociedades. O tema foi lançado na cidade de Viseu pela espanhola, Tâmara, voluntária da Adamastor no ano de 2011. Em 2013, lançamos um apelo de colaboração, designado 'Maltratadas' a partir das redes sociais e redes de arte educação artística da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) para a elaboração coletiva de uma manta de retalhos. Cada retalho contaria a história de uma mulher vítima de violência. Visitámos também escolas da região

de Viseu onde apresentamos o projeto aos professores e alunos. A aderência ao projeto foi significativa, alunas e professoras da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu; membros da Adamastor de Viseu; membros do grupo Teia de Gulpilhares; participantes dos ateliers de adultos da APECV; membros da associação cultural PIMTAI de Évora e professores da APECV de vários locais do país enviaram um retalho contando histórias pessoais de violência sobre as mulheres. Através do patchwork, do bordado e da colagem, foi mais fácil contar histórias dolorosas e denunciar situações de violência escondida. Em 2014 a professora da Namíbia Christina Matsius que viu a manta na APECV levou a ideia para o seu país e convocou a ação 'Orange day', com os mesmos propósitos de Maltratadas.

A manta é um testemunho em memória de todas as mulheres que nunca puderam tornar visíveis histórias problemáticas. É também um objeto educativo para alertar sobre o problema da violência sobre as mulheres. Não é uma obra concluída porque se pretende que ano após ano se amplie. A manta agora viaja de local para local, iniciou o périplo em Gulpilhares, na mercearia onde se reúnem os membros da comunidade e, onde teve a distinta visita de Rita Irwin, a investigadora que teorizou o conceito de *a/r/tography*.

¹ <http://sharingsketchbooks.wordpress.com/maltratadas/>



Mulheres do grupo Teia de Gulpilhares e do atelier de artes da APECV cosendo os retalhos em Viseu no dia 25 de Novembro de 2013.



A Manta em Gupilbares, Janeiro 2013



Construindo retalhos para a manta, Namibia, 2014



Nesta ação tanto no processo de criação, de narração de histórias como a subsequente exposição ao público, ao viajar de local para local a manta cresce e toca as comunidades que a recebem.

Questionando

Nenhum dos projetos se centra no certo ou errado, mas na sua ação provocadora e de questionamento, dentro da linha da arte como um “estado de Encontro” (Nicolas Bourriaud, 2001). O importante no fazer artístico é questionar para questionar, para refletir, para aprender, crescer e aprender a aprender, pois mais que as respostas, são importantes as perguntas, é importante querer saber mais e colocar a dúvida, mesmo que com ela surja outra questão e assim, mesmo num ciclo vicioso se aprenda a querer mais e saber mais, pois, “a realidade assume a forma de uma representação exteriorizada que se pode transformar, estudar, trabalhar” (Marcelino, 2000:18).

Estas ações tomam como direção as interações humanas no seu contexto social, propondo estimular a intersubjetividade, o diálogo, o encontro e a construção mútua, uma “Estética Relacional” na procura de “Novas Relações com o mundo” de Bourriaud (2009), na qual a arte somente ganha vida e forma, na medida em que suscita interações, relações e processos sociais.

“uma forma de arte que tem como base principal a intersubjetividade e tem como tema central o estar juntos, a elaboração coletiva do sentido e da arte como lugar de produção de uma socialidade específica” (Bourriaud, 2002, p.41)

Para nós, na educação artística ativista, o processo artístico é coletivo, um exercício comunitário, que cria e recria relações, ações, questiona representações e fomenta autoestima, reivindicando lugares diferentes na vida e na arte.

Estas práticas interrogarão os espaços da educação e os espaços da arte, os espaços fechados das escolas, dos museus e galerias e pesquisarão novos caminhos para a educação e para a arte, lugares alternativos, próximos da vida, do dia-a-dia, do inacabado e do heterogêneo.

Questionamos conceitos de fruição estética, de exposição ou publicação das obras e de mediação cultural.

O fazer artístico, nesta perspectiva permite novas interatividades, permite uma comunicação entre os objetos, aqueles que os criam e aqueles que observam, permitindo que estes possam também ser autores e participar da obra inacabada.

Esta abordagem permite-nos observar o mundo a partir de muitos outros, potenciando novas experiências e olhares, catalisando e criando novos mapas onde é possível caminhar. Apelamos para projetos de resistência, com potencial político, integrando subjetividades, relações e afetos, que criam alternativas à bola de neve

do capitalismo mundial, às palavras (que já não ouvimos, porque são muitas) que nos entram pelas portas, janelas, fechaduras, sem pedir licença.

É no silêncio que refletimos, que somos impelidos a encontrar o outro, que criamos ações, que resistimos àqueles que não nos deixam falar. É neste silêncio que nos fazemos ouvir! É neste silêncio que acreditamos que, lentamente, criamos futuro.

Estamos cansados de falar, de dizer muitas coisas, de ouvir a nossa voz, queremos perceber o que não é dito, o fragmento, as experiências do outro, queremos abrir novas possibilidades à vida e começar por aqueles que nos são próximos.

“Vive-se hoje a utopia no quotidiano subjetivo, no tempo real das experimentações concretas e deliberadamente fragmentarias. A obra de arte aparece como um interstício social no qual são possíveis essas experiências e essas novas possibilidades de vida: parece mais urgente inventar relações possíveis com os vizinhos de hoje do que entoar loas ao amanhã.” Bourriaud (2009, p.21)

Despedida

Terminado o piquenique, enrolamos a manta que servirá para outros eventos. Gostaríamos de propor o modelo do piquenique, da manta que cria um lugar de reflexão, de encontro, de contemplação e ou de debate para eventos futuros - necessitamos com urgência de repensar as nossas praticas de encontro também na comunidade, dos investigadores e dos professores. Despedimo-nos, lembrando as palavras de Maria Jesus Agra-Pardiñas no 2.º Congresso da Rede Ibero Americana de Educação Artística:

Empecemos a ser mutantes. “Usemos” todas las herramientas que las artes contemporáneas ponen a nuestra disposición para tener voz y gritar.

buscamos el activismo artístico desde la reflexión y la investigación !!!!!!!!!!!!!!!



*¡CUIDADO!!!
Estamos
contagiados y
contagiando
!!! Lancemos
virus artísticos
a la sociedad!!!!!!
Estamos infectados
y somos portadores
de ese virus!!!!!!*

SEAMOS RÁPIDOS, ANTES DE QUE INVENTEN LA VACUNA PARA QUE NO DESPERTEMOS!!!

Agra-Pardiñas , 2014



REFERENCIAS

- Agra-Pardiñas, M. J. (2014). Como no Somos Anti-sistema. Comunicação apresentada no 26º Encontro da APECV/ 2º Congresso da RIAEA, Guimarães, 30 de Maio de 2014.
- Bourriaud, N. (2002). Relational Aesthetics. Dijon: Les Presse du Reel.
- Bourriaud, N. (2009). Estética Relacional. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Certeau, Michel de (1994). A invenção do cotidiano:1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Deleuze, Giles & Guattari, Felix. (1987). A Thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press
- Dias, B. e Irwin, R. (Eds.) (2013). Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria, RS, Brasil: Editora UFSM.
- Drummond de Andrade, Carlos (2012). Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saldanha, A. (2013). No caminho para casa. Página Web Acessível em: www.nocaminhoparacasa.com – ver lugares no mapa).
- Traquino, M. (2009) . DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PELA ARTE CONTEMPORÂNEA III-A ARTE COMO UM ESTADO DE ENCONTRO. Disponível em: <http://www.artecapital.net/opiniaio.php?ref=79>, Acedido em 11-06-2014.
- TÖNNIES, Ferdinand (1977). Capítulo IV: As tipologias clássicas. Comunidade e sociedade. Tema: relações entre as vontades humanas: comunidade e sociedade na linguagem. In.: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. Teoria sociológica. São Paulo: Hucitec.